**Reabilitação Psicossocial: Peixinhos ao Mar**

Nos últimos anos, a saúde mental do adolescente tem abandonado abordagens reducionistas, centradas na doença e na institucionalização, para abraçar um novo paradigma; o qual, valoriza o desenvolvimento de habilidades e potencialidades para lidar com as tensões cotidianas, ao passo que proporciona liberdade geográfica, autonomia e oportunidade de contribuição para a comunidade.

A partir desta perspectiva, no CAPS IJ acontecem assembleias semanalmente com os usuários, familiares e profissionais. Esse espaço proporciona a discussão de pautas sobre o CAPS e tomada de decisões referente ao cuidado em saúde mental.

Durante uma das assembleias, foi levantada proposta por parte dos usuários de realizar uma viagem para a praia. Ao longo de um mês a equipe construiu com os adolescentes um caminho para concretizar a viagem e, diante disso, os jovens se implicaram na decisão do roteiro, alimentação, horários e demais combinados em grupo.

Com intuito de enriquecer a experiência, realizamos de modo conjunto com os adolescentes uma pesquisa sobre os pontos turísticos de Santos. Foi definida e articulada com o Aquário Municipal uma visita gratuita para receber o grupo.

Durante esse período de organização muitos pensamentos perpassaram a equipe, alguns deles envolviam temor que os adolescentes se perdessem, se afogassem ou não cumprissem alguns combinados e se colocassem em risco.

Visando mitigar esses sentimentos, foram feitas conversas nas assembleias e com os pais sobre a importância de seguir algumas regras para a segurança de todos. Nestas pactuações foi utilizado como instrumento principal o vínculo, pois todos os adolescentes tinham uma relação terapêutica muito próxima com os profissionais que estavam participando do passeio.

Além disso, os familiares apoiaram o processo e estavam com sentimentos positivos a respeito da viagem. Parte destes nunca haviam visto o mar e seria a primeira vez que um membro da família teria essa oportunidade. No dia do passeio, alguns pais trouxeram que os adolescentes estavam ansiosos a ponto de terem apresentado dificuldade para dormir ou já terem arrumado as mochilas dias antes.

Nessa perspectiva, quando o dia do passeio chegou, muitos deles haviam chegado ao ponto de encontro mais cedo que o combinado e auxiliaram trazendo alimentos para compartilhar uns com os outros.

Durante o trajeto eles demonstraram empolgação e perguntaram sobre a profundidade e o tamanho do mar, sobre o que havia no aquário e curiosidades sobre a cidade de Santos, afinal seria a primeira vez que eles conheceriam o mar.

Em contrapartida, a van (utilizada para a locomoção) foi parada em uma fiscalização por não ter solicitado autorização para circular fora dos limites da cidade. Sendo assim, foi necessário que os adolescentes aguardassem por cerca de quarenta minutos no interior do veículo enquanto os profissionais articulavam a sua liberação. Nesse momento, alguns usuários relataram pensamentos ansiosos (de medo de não conseguirem ir até a praia naquele dia) e outros tentaram amenizar a situação com algumas brincadeiras, tendo perspectivas mais positivas. Após a liberação da van, um usuário relatou que a viagem teve muita emoção e outro disse que quando algo vale a pena, o processo muitas vezes é difícil e demorado.

Ao chegar em Santos, a primeira parada foi no Aquário Municipal, onde foram exploradas a fauna e a diversidade das espécies marinhas. Os adolescentes tiveram a oportunidade de ver pela primeira vez tubarões, pinguins e peixes exóticos. Os usuários exploraram o espaço, fotografaram e interagiram com as pessoas.

Depois do aquário, o grupo se dirigiu até a orla da praia, onde foram montadas barracas e cadeiras. Os adolescentes sentiram a areia e ficaram impressionados com o tamanho do mar. Em seguida, foi realizado um almoço na própria areia, porém alguns adolescentes estavam empolgados para entrar no mar e preferiram almoçar depois.

Quando eles entraram no mar sentiram o gosto da água, fizeram perguntas sobre a salinidade do mar e ficaram encantados quando viram barcos. Os profissionais também entraram no mar, um deles ensinou os adolescentes a nadarem.

Durante todo o dia os usuários respeitaram os combinados propostos e, além disso, se mostraram muito dispostos a auxiliar no cuidado com outros membros do grupo. Um dos adolescentes que apresentava dificuldades do equilíbrio e da marcha, recebeu auxílio dos colegas para caminhar pela orla da praia e ter seus objetos pessoais carregados.

Nessa perspectiva, os profissionais se sentiram emocionados ao verem o empenho de jovens em, apesar de seus graves sofrimentos, auxiliarem outros com suas adversidades e dores. Outro ponto reflexivo para a equipe foi o fato de ver os adolescentes podendo desfrutar de novas possibilidades de vida e acessar espaços que antes não eram vislumbrados ou possíveis.

No retorno ao Caps, um dos adolescentes verbalizou: “esse é o melhor dia da minha vida”. Foi notória a alegria deles no veículo onde, mesmo aqueles com mais dificuldades de socialização estiveram brincando uns com os outros ou compartilhando suas experiências vividas naquele dia.

Em suma, esses momentos trouxeram aprendizados para a equipe do Caps IJ, como a importância de incentivar a integração dos usuários em outros ambientes(muitas vezes inacessíveis por vulnerabilidades sociais e estigmáticas) , a implicação dos adolescentes no próprio cuidado e no de outros usuários e o incentivo aos desenvolvimentos de habilidades e potenciais de vida.

Quando as impressões dos profissionais que participaram dessa ação foram compartilhadas, outros membros da equipe multiprofissional se motivaram a propor novos passeios para praia e com seus grupos terapêuticos ou de referência.

Por fim, ao ser pedida uma devolutiva desse grupo na assembleia, além de muitos elogios os participantes começaram a se perguntar e refletir sobre formas de ir à praia sem o auxílio do Caps IJ. Juntos verificaram a rota de ônibus e trem, e relataram desejar ir em breve com seus pais e familiares.

Concluímos que tal experiência proporcionou transformação nos adolescentes, os quais atuaram como agentes ativos e corresponsáveis no seu processo de cuidado. Nesse sentido, estimula-se que os atores de saúde mental construam intervenções que rompam com a reclusão em espaços institucionais e proponham a inclusão nos vínculos sociais.